

RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE, REFLEXOS DO NARCISISMO

RODRIGUES, L. G.¹; MATIAS, T. C.C.²

Palavras chave: Relações sociais. Psicanálise. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma das ferramentas poderosas para compreender as relações sociais na contemporaneidade. Esta pesquisa se estrutura numa abordagem qualitativa em busca de compreender relações que permeiam o indivíduo e a sociedade. Busca responder a questões essenciais sobre como as interações no meio social moldam a subjetividade e o narcisismo do sujeito.

A busca por um equilíbrio entre o narcisismo e a necessidade de integração social são a questão central, refletindo a complexidade e a importância das relações interpessoais entre indivíduos.

O estudo surgiu da necessidade de contribuir para um debate mais amplo sobre a relação entre sociedade e indivíduo, destacando como os atravessamentos sociais impactam em suas subjetividades, ou seja, em seu modo de agir e ser.

OBJETIVO

O principal objetivo deste trabalho é articular conceitos psicanalíticos e sociais para compreensão das dinâmicas das relações sociais possibilitando reflexões críticas sobre os processos de subjetivação na sociedade contemporânea.

MÉTODO

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, compreendendo a profundidade dos processos de constituição subjetiva em relação ao uso das redes sociais. Constitui-se também como uma pesquisa de revisão bibliográfica com caráter exploratório e descritivo.

Para a coleta de dados, foi realizada uma seleção de textos para revisão

¹ Larissa Gabriela Rodrigues. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024. Contato: psicolarissagrodriques@gmail.com

² Thaila Caroline Cardoso Matias. Orientadora da pesquisa. Docente Especialista do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2024.

bibliográfica, com base em autores e estudos relevantes para a discussão do tema. Os artigos foram selecionados a partir das palavras chaves: rede social, psicanálise e constituição subjetiva. A pesquisa foi feita a partir das plataformas Google acadêmico, Scielo e Pepsic.

RESULTADOS

Dentre os principais achados e reflexões promovidos pela pesquisa infere-se que há muito tempo a humanidade busca formas de explicar a relação entre indivíduo e sociedade e como eles se influenciam. Diante disso, em uma perspectiva psicanalítica, Lacan (2016) aponta que o indivíduo tem uma relação de dependência com o social desde sua constituição, É porque ele é constituído e subjetivado a partir da relação com o Outro, o qual, a partir da linguagem, tem um papel fundamental em dar/emprestar significados e sentidos, permitindo que o sujeito seja introduzido na linguagem e na vida social.

Durante a constituição do sujeito surge também o que chamamos de narcisismo, que segundo Freud (2010) refere-se ao processo de desenvolvimento do EU, onde ocorre a separação do eu e do outro.

Segundo Moreira (2005) durante o início da vida, o bebê não tem o reconhecimento do outro, ele vive em um estado de autoerotismo, é a partir da frustração pela falta do outro, que o sujeito vai se encontrar com a realidade, passando de um autoerotismo para um amor objetal, desejando esse outro que o proporciona satisfação. Isso acontece devido a frustração, que ocasiona no desprazer, onde o prazer não é satisfeito por conta da falta, esse sofrimento irá impor limites no prazer, com isso, a experiência do prazer só pode ser plenamente compreendida em contraste com o desprazer.

É nesse contexto que o sujeito se depara com a alteridade, com um outro diferente e estranho. Freud (2011) destaca que a agressividade é inerente ao ser humano e que o mesmo tem dificuldades ao se deparar com a alteridade. O que controla essa agressividade para que o ser humano não se destrua é a civilização, configurando-se como um mal necessário.

Já Falbo (2005) aponta que a partir da separação do EU e do externo, o sujeito busca se fazer Um só com objetos do mundo externo, regredindo a um estado de autoerotismo. Com isso, a distinção entre EU e o externo só se dá devido ao contraste entre ambas, gerado pelas sensações de desprazer.

Nessa perspectiva temos o “sentimento oceânico”, que segundo o autor, concerne em uma tentativa de restauração do narcisismo ilimitado, de se fazer UM só com objetos externos, esse sentimento proporcionado pelo autoerotismo, é um cenário de prazer e satisfação sem fim. Isso se dá pelas escolhas narcísicas do sujeito, pois ele sempre busca algo de si no externo, gozando disso, sem limitação. A partir desse narcisismo ilimitado, o sujeito irá se movimentar em uma tentativa de se desviar do desprazer.

Segundo Freud (2010), o narcisismo se configura como uma forma de defesa do aparelho psíquico, ele está relacionado ao egoísmo da pulsão de autoconservação. Está defesa se dá por conta da libido, que de acordo com Roudinesco e Plon (1998) é a energia sexual que está relacionada com o desejo. É uma energia que move o sujeito em busca de prazer e satisfação.

Esse movimento ocorre em uma tentativa de se defender do desprazer e do desamparo. Conforme aponta Falbo (2005), quando o sujeito está nessa condição narcísica há um excesso de investimento em si. Como no mito de Narciso, onde ele não conseguia se apoderar de sua própria imagem pois essa imagem carregava consigo o real, o diferente daquilo que foi idealizado, ou seja, a alteridade.

Moreira (2005) destaca o papel fundamental da cultura e da civilização no controle da agressividade do ser humano, onde, a partir do momento em que o indivíduo se insere na cultura e às suas expectativas morais, terá o egoísmo e agressividade controlada, sublimando-a para condutas morais, o que também irá evitar a auto-agressividade. A partir dessa premissa, surge o conceito de enlaçamento social, evidenciando que o EU não existe sem o outro.

Diante disso, a experiência de desamparo é o que possibilita uma relação de dependência entre os sujeitos de um grupo social, dando origem ao laço social, Falbo (2005) ressalta que, o laço social permite que a agressividade inerente ao ser humano se transforme para que o EU não se acabe no próprio desamparo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dessa articulação teórica, a relação entre indivíduo e sociedade possui uma certa dependência, evidenciado pela importância das relações com o outro na constituição do sujeito. Além disso, como discutido, o enlaçamento social, assim como a sublimação da agressividade do sujeito, permitem que ele não acabe em um estado de sofrimento, ao se deparar com o desamparo.

Desta forma, o laço social desempenha um papel crucial na formação do sujeito, proporcionando uma estrutura para a regulação da agressividade. A capacidade de sublimar a agressividade e integrar o sujeito dentro do meio social é essencial para evitar a autoagressividade e promover um equilíbrio saudável entre o desejo e a realidade.

Com isso, ressalta-se que a experiência de desamparo, um tema central na teoria psicanalítica, não é apenas uma condição isolada, mas sim uma oportunidade para o desenvolvimento do laço social. A necessidade de enfrentamento da frustração e do sofrimento através da interação com o Outro facilita a formação de vínculos sociais que sustentam a coesão social e o funcionamento psíquico

REFERÊNCIAS

FALBO, G. Considerações sobre o mal-estar na civilização. *In*: Bernardes, Ângela C. (Org.). **10x Freud**. Rio de Janeiro: Azougue; Niterói: Lapso, 2005.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. v. 12. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 14-50.

FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2011.

LACAN, J. **Seminário 6: O desejo e sua interpretação**. Tradução de Claudia Beliner. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MOREIRA, J. O. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano “O mal-estar na civilização”. **Estudos de psicologia**: Minas Gerais, 2005, p. 287-294.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

